

# UMA MÃE NÃO PERDE UM FILHO

Aldemario Araujo Castro  
Advogado  
Mestre em Direito  
Procurador da Fazenda Nacional  
Brasília, 4 de agosto de 2024

Era uma tarde de domingo quando a vida de Clara mudou radicalmente. Seu filho, Lucas, passeava de bicicleta pelas tranquilas ruas do bairro de Águas Claras, como fazia todos os finais de semana. Naquela fatídica tarde, um motorista distraído, em alta velocidade, não viu o menino atravessar a rua Montana. O impacto do veículo com a bicicleta e o corpo de Lucas foi fatal. Não houve sequer tempo para socorrer a pequena vítima.

Nos dias que se seguiram ao acidente, Clara se sentiu tomada por um vazio imenso. A dor da perda era tão profunda e antinatural que não havia como descrevê-la em palavras. Aliás, a língua falada e escrita revela como a morte de um filho é algo terrível. Para uma criança sem pais, existe a palavra "órfão". Entretanto, não existe uma palavra específica para uma mãe que sofre com a partida de um filho. A falta de uma designação para essa condição e esse sofrimento de certa forma reflete a profundidade da dor experimentada.

Amigos e familiares tentaram consolar Clara, mas nada parecia aliviar a sensação de que sua vida havia perdido todo o sentido. As lembranças de Lucas estavam em todos os cantos da casa. Os brinquedos continuavam espalhados pelo chão. Os desenhos estavam cuidadosamente emoldurados na geladeira. As roupas teimavam em aparecer nos lugares mais inusitados. Clara se agarrava a cada objeto, tentando encontrar algum consolo na presença ausente de seu amado filho.

Clara buscou ajuda em grupos de apoio para pais enlutados. No grupo Esperança, encontrou pessoas que entendiam a dor indescritível que ela sentia. Uma mãe em particular, chamada Rita, criou uma conexão poderosa com Clara. Pela primeira vez, em meses, Clara ouviu, proferidas por Rita, palavras que foram muito além do carinho, do conforto e da solidariedade.



Foram três as falas mais do que especiais de Rita para Clara. A primeira delas foi a mais impactante. Rita disse: “Clara, não existe morte de verdade. A única coisa que perece é o corpo físico. Somos espíritos indestrutíveis e eternos. Lucas fez uma de inúmeras passagens, assim como eu e você fizemos e ainda faremos. Lucas está tão vivo quanto eu e você estamos agora”.

Para Rita, a imensa riqueza carregada por um espírito, compreendendo suas alegrias e tristezas, seus aprendizados intelectuais e morais, suas diversas realizações e manifestações sociais, não pode ter um fim como o que se chama de morte. Não faz sentido, não é a melhor solução existencial, que o formidável acúmulo de experiências de uma vida, de todas as ordens e naturezas, simplesmente chegue ao fim e se perca totalmente.

Rita tinha uma preocupação muito específica. A tristeza de Clara não dava sinais de diminuição e desafiava o passar do tempo. Em um determinado momento, Rita chamou Clara para uma conversa e falou: “Você precisa virar a chave dessa tristeza. Se não for por você, que seja pelo Lucas. Ele não quer que você sofra, muito menos por causa dele. Da mesma forma que uma mãe não quer o sofrimento do filho, um filho recusa o sofrimento da mãe. Uma das situações mais terríveis para quem ama é ser o motivo do sofrimento do ser amado”.

A terceira fala que calou fundo em Clara foi sobre o reencontro. Rita disse: “O mundo é uma criação de um ser totalmente amoroso. O Criador é a única manifestação da existência verdadeiramente absoluta. Assim, seria incompatível com o infinito amor de Deus construir um mundo que separa para ‘sempre’ dois seres que se amam”.

Clara ouviu de Rita que o reencontro de espíritos que se amam está escrito nas estrelas. A separação daqueles que se amam é rigorosamente temporária. Em um mundo criado para multiplicar exponencialmente o amor, e essa é a razão fundamental para criação, não faz o menor sentido a permanência do sofrimento da distância em contraponto à explosão de amor do encontro e do reencontro.

